



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
NA UFBA

EVLE MAITÊ INGRID COELHO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Salvador (BA)

2009

EVLE MAITÊ INGRID COELHO RODRIGUES DE OLIVEIRA

**FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
NA UFBA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal da Bahia.

Orientador (a): Dra. Cristina D'Ávila.

Salvador (BA)

2009

EVLE MAITÊ INGRID COELHO RODRIGUES DE OLIVEIRA

FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA
UFBA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação da Bahia.

Banca Examinadora

Prof^a Dra. Alessandra Assis

Prof^o Dr. Paulo Gurgel

Prof^a Dra. Cristina D'Ávila – orientadora

AGRADECIMENTOS

Muitos participaram da minha formação acadêmica:

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder vida e saúde para a conclusão deste curso.

A minha família por estar sempre ao meu lado.

A Cristina D'Ávila, por me dar todo o apoio necessário para a construção deste trabalho.

Aos amigos que me apoiaram durante meu percurso acadêmico.

Obrigada por fazerem parte de minha história.

“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a formação do pedagogo docente na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Traz no seu corpo teórico-prático, aspectos relacionados à história da Educação Infantil, ao currículo e estágio no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia. Através deste estudo, busquei uma melhor compreensão sobre concepções de currículo trazidas pelos estudantes, assim como suas percepções sobre o papel do estágio em Educação Infantil no seu processo de formação.

Palavras-chave: Currículo, estágio, formação de pedagogos, Educação Infantil.

SIGLAS UTILIZADAS NO TEXTO

ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação

UFBA - Universidade Federal da Bahia

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

RCN – Referencial Curricular Nacional

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

Sumário

Introdução	9
Problemática	11
Quadro referencial	
1.Surgimento da Educação Infantil.....	13
1.1Um conceito de pedagogia.....	13
1.2 A criança	15
1.3 A Educação Infantil	18
2.Histórico da formação inicial de pedagogos na educação infantil	21
3. O currículo do curso de pedagogia 1999-2008/FACED/UFBA.....	26
4. Estágio	33
5. Metodologia.....	37
5.1 Grupo focal.....	37
6.Análise de dados.....	40
7. Considerações finais	45
Referências:	47
Anexos	50

INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de Pedagogia, me interessei em procurar um estágio o mais breve possível. Quando estava no segundo semestre, me tornei professora da turma do grupo 2, sem nunca ter anteriormente uma vivência com uma escola de Educação Infantil. No início encontrei dificuldade em relação ao tempo e ao conteúdo curricular. Não possuía o devido suporte teórico-prático para trabalhar com Educação Infantil. A partir disso comecei a refletir sobre a importância que é dada à formação de professores nesse segmento. O que percebi é que são colocadas pessoas para atuarem como docentes, sem experiência, o que denota a desqualificação da Educação Infantil como segmento de ensino. A atuação do pedagogo não é tão simples quanto parece, os pedagogos que atuam na docência são formados para mediar o conhecimento e buscar a melhor metodologia. O embasamento teórico é muito importante, assim como a experiência do estágio supervisionado, pois é neste momento que o estudante tem a oportunidade de ver a teoria sendo colocada em prática e a partir daí fazer suas associações. Paulo Freire(1996) já dizia que a formação do professor é o momento fundamental para fazer análises críticas em relação à prática. Por isso, me interessei em buscar embasamentos teóricos em relação à formação inicial de pedagogos na Educação Infantil, focando o currículo do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Diante dessa reflexão, busco fazer uma investigação de cunho qualitativo e, assim, obter informações sobre outras experiências de estudantes de Pedagogia em relação à docência em Educação Infantil. Essas informações serão coletadas através da técnica do grupo focal, com estudantes da UFBA que já passaram por disciplinas relacionadas à Educação Infantil e já atuaram na docência. A experiência de grupo focal poderá resultar em acordo ou desacordo em relação à eficiência do currículo e estágio da UFBA, na formação do professor. A entrevista buscará compreender o significado que os demais estudantes de pedagogia atribuem às suas experiências e verificar a eficácia do estágio da UFBA em Educação Infantil.

O público-alvo do estudo foi composto por estudantes de Pedagogia que tiveram a oportunidade de ter um estágio com acompanhamento e os que tiveram que aprender “sozinhos” a lecionar, também estudantes que haviam cursado alguma disciplina relacionada à Educação Infantil. Pretendeu-se, com o levantamento, constatar a real importância do acompanhamento, junto ao estudante, e somando-se aos estudos referentes ao currículo do curso e a história da formação de professores, busquei compreender como ocorre a formação do professor de Educação Infantil na instituição citada.

Destaquei, neste trabalho, dois pontos que considero importantes para a formação do pedagogo/docente: o currículo e o estágio. O currículo mostra que tipo de pedagogo se deseja formar. Analisei o currículo e o estágio do curso de Pedagogia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que esteve em vigor até 2008. Desde já destaco que o estudante deve buscar seu estágio. Isso faz com que alguns estudantes tenham a oportunidade de ter o estágio com acompanhamento pedagógico, da escola na qual está estagiando, e outros assumem a sala de aula sem ter o devido preparo e apoio. Pretendo a partir dessa análise, refletir sobre que formação os estudantes de Pedagogia da UFBA, estão tendo.

Desta maneira a presente monografia está dividida em capítulos, onde o primeiro aborda questões relacionadas ao surgimento da Educação Infantil, abordando aspectos políticos, econômicos e sociais. Baseio-me em Sonia Kramer(1995), em seu livro *A política do pré-escolar no Brasil – a arte do disfarce*, esta faz um caminhar pelos aspectos que influenciaram o surgimento da Educação Infantil e suas reais intenções. O segundo capítulo trata a formação inicial dos pedagogos que atuam em Educação Infantil, para tal, faço uso, da opinião do renomado professor José Carlos Libanê(2005) em seu livro “*Pedagogia e pedagogos para quê?*”. Como irei estudar o curso de Pedagogia, este autor me proporcionou uma melhor compreensão sobre a ciência pedagógica e o papel dos pedagogos. Através dele, busquei um conceito de Pedagogia para, assim, compreender cada vez mais meu objeto de estudo e fazer reflexões entre como se dá a formação do pedagogo e alguns pontos que Libanê traz como essenciais para a formação do pedagogo. O terceiro capítulo, trata o currículo de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Para uma melhor compreensão sobre o currículo do curso de

pedagogia da UFBA, me pautei na tese de doutorado da professora Maria Roseli Gomes Brito de Sá (2004), intitulada “Hermenêutica de um currículo: o curso de pedagogia da UFBA”. Nesta tese ela traz aspectos gerais relacionados ao currículo e foca seu trabalho no currículo aprovado em 1999, na UFBA, do qual ela fez parte de suas discussões. Além da leitura desta obra, foi necessário realizar uma leitura crítica dos currículos da UFBA, aprovado em 1999 e em 2009. No quinto capítulo abordo aspectos relacionados ao estágio curricular do curso de Pedagogia da UFBA. Por fim faço uma análise de dados referentes à técnica de grupo focal, onde relaciono as falas dos estudantes com toda problemática deste trabalho.

Problemática

Um professor para atuar em sala de aula deve ser conhecedor das metodologias, para ser capaz de escolher a melhor a ser utilizada na turma ou criar sua própria metodologia. Além disso, deve conhecer as diferentes teorias e modelos de ensino em Educação Infantil. Esses conhecimentos podem ser mobilizados através componentes curriculares oferecidos pela Faculdade como: as metodologias e didática. Estes componentes devem proporcionar ao estudante uma reflexão sobre como educar seus alunos, não apenas em relação aos conteúdos, mas em relação aos aspectos sociais e valores morais. O estudante de pedagogia deve procurar na teoria algumas estratégias para saber mediar o conhecimento com os alunos. Existem diversos estudos realizados nessa área e através de estudos podemos conhecê-los. Assim teremos uma base teórica para utilizar em sala de aula. O pedagogo que optasse por ser professor de Educação Infantil deveria ser preparado para atuar na sala de aula de maneira competente a lidar de forma científica com as situações do cotidiano. Ele também deve estimular o crescimento individual e social do aluno.

Nós vivemos em uma sociedade que está em constante mudança política econômica e social. Na escola o aluno irá ter contato com essas mudanças e aprenderá a conviver com elas, diante disso notamos a importância de termos um profissional habilitado teoricamente para lidar com essas situações. O

professor deve estar sempre preocupado com a formação do cidadão. Na Educação Infantil, a criança aprende a se relacionar com o outro e começa a perceber as regras e os limites que existem em sua sociedade e cultura. Essa criança deve sair da Educação Infantil apta a conviver de forma harmônica e apta a desenvolver uma responsabilidade crítica perante a sociedade. Diante deste tipo de aluno que se deseja formar, devemos refletir sobre que professores estão sendo formados para atuar com essas crianças. A Educação Infantil deveria ser considerada como um segmento indispensável para o exercício da cidadania e fornecedora de meios para progredir em estudos posteriores.

Tendo em vista esses pontos levantados acima e a base teórica deste trabalho, busco compreender como acontece a formação desse pedagogo voltado para a Educação Infantil no contexto da UFBA, a partir das percepções de seus estudantes.

Quadro referencial

1. Surgimento da Educação Infantil

1.1 Um conceito de pedagogia

“A epistemologia do educar não está (e talvez não se proponha mesmo) definitivamente construída; suas proposições vêm sendo submetidas à uma dinâmica de um interrogar coletivo” (Sá, 2004, p. 48). Compreendendo-se a diversidade de processos existentes na educação, sejam eles do âmbito da educação formal ou informal, intencional ou não intencional, proporciona às diversas categorias profissionais a se envolverem com a área educacional sendo pedagogo ou não. Isso faz com que algumas vezes os profissionais de educação sejam substituídos por pessoas de outras áreas, que não tenham uma visão ampla sobre o sistema educacional.

A definição de Pedagogia tem passado por diversos embates, na contemporaneidade. Vem se discutindo a importância da pedagogia e qual seria seu objeto de estudo. Com a ampliação do conceito de educação, essa discussão ficou cada vez mais intensa. Sabemos que a educação está presente em todos os lugares. Mas esse fato não exclui a necessidade de haver um profissional que estude o processo educacional de forma sistemática e intencional. Libâneo afirma que:

“[...] a pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa.” (p.29)

Tem quem diga que a pedagogia e a escola irão sumir junto com a contemporaneidade, pois as crianças irão aprender com os computadores e as novas tecnologias que vierem a surgir. Mas há também quem aposte que mesmo com toda a tecnologia, ela por si só não educa, defendendo assim a permanência de um educador diante desse processo. Kuenzer (1999), nos deixa claro que essas mudanças trazidas desde o final do século XIX, fizeram com que as demandas de trabalho e alunos fossem alteradas, contribuindo para o surgimento de uma nova Pedagogia, adequando a escola às novas tecnologias e não as extinguindo.

Há quem defenda que a pedagogia não deve ser reconhecida como um campo científico, reduzindo à docência. Eles alegam que a pedagogia não tem seu campo de estudo definido e que a educação pode ser abordada por outras ciências e realmente pode ser abordada, mas com enfoques diferentes. Segundo Libâneo (2005) “[...] o objeto do pedagógico se configura na relação entre os elementos da prática educativa: o sujeito que se educa, o educador, o saber e os contextos em que ocorre.” (p.38). Partindo dessa idéia de Libâneo (2005), podemos notar que o foco da Pedagogia é o próprio processo educativo, enquanto a pedagogia busca compreender esse fenômeno, as outras ciências abordam a educação sob outros olhares, como é o caso da sociologia que aborda a educação focando os aspectos sociais. Embora a psicologia, a sociologia ou a filosofia, possam abordar a educação, não tem seu foco no processo educativo. Com base nisso podemos afirmar que a pedagogia tem um objeto de estudo específico, o processo educativo.

Libâneo (2005) também traz a idéia de que o pedagogo escolar pode se dividir entre o trabalho pedagógico, que é o profissional habilitado para atuar frente às práticas educativas e o trabalho docente, que seria a atuação em sala de aula. Essa distinção levaria o curso de pedagogia a duas formações específicas: uma voltada para a docência e outra para o pedagogo investigador do processo educacional. Esses dois direcionamentos do curso deveriam caber ao estudante escolher e à faculdade o dever de proporcionar essas formações.

1.2 A criança

Diversos são os fatores que influenciaram as diferentes concepções de criança e infância, alguns de cunho político outros de cunho histórico-social. Ao conceber a idéia de que a criança é um ser frágil e que necessita apenas de cuidados e nada mais, pode-se gerar uma visão de que o professor de Educação Infantil seja “babá” de crianças. Neste pensamento são desconsiderados os estudos realizados, pelos professores, sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, e também as metas que o professor deve alcançar para auxiliar o desenvolvimento cognitivo de seu aluno.

A forma como a criança é vista influencia na forma como a escola trata seu aluno e por conseqüência como o professor vê esse aluno. As crianças, na contemporaneidade, são vistas como pessoas indefesas e que precisam de cuidados, mas nem sempre foi assim. A visão que temos de criança muda de acordo com a sociedade e o período sócio-histórico. Até o final do século XIX, no Brasil, a criança ainda era tratada como um adulto, esta necessitava trabalhar para ajudar sua família a manter a casa, deixando de lado sua infância, o mundo de descobertas e a imaginação que compõe essa fase da vida. Posteriormente esta criança passou a ser vista como um ser que precisa de cuidados, como uma “sementinha”. Sodré, (2009, p. 15) diz:

“Até o início do século passado, as crianças pequenas eram vistas a partir de uma analogia com o desenvolvimento das espécies vegetais; assim, era suficiente alimentá-las e dispensar-lhes alguns cuidados. Esta forma de ver as crianças influenciou no nome designado para essa etapa educacional: Jardim de Infância. (...) Sob tal perspectiva, os estudiosos estavam deixando de lado aspectos complexos das transformações que ocorrem no processo de desenvolvimento.”

A criança é um ser que possui suas especificidades, não é um adulto em miniatura, nem uma “sementinha” que precisa ser cuidada e regada. Para Kramer, (1995, p. 15).

“Entende-se, comumente, ‘criança’ por oposição do adulto: oposição estabelecida pela falta de idade ou de ‘maturidade’ e ‘de adequada

integração social'. Ao se realizar o corte com base no critério idade, procura-se identificar certas regularidades de comportamento que caracterizam a criança como tal.”

Essas concepções de criança alteram seu desenvolvimento tanto positivamente como negativamente.

A Educação Infantil era ofertada dar muita relevância a suas particularidades, não era muito firme a idéia de que a criança aprende de forma diferente do adulto e tem suas necessidades específicas. Com o passar do tempo essa realidade foi mudando e hoje, através de diversos estudos, podemos conhecer um pouco sobre o “mundo infantil” e proporcionar uma educação voltada para as particularidades da criança. Segundo Kramer (1995) “A expansão do atendimento ao pré-escolar no Brasil está longe de corresponder ao reconhecimento que é dado, teoricamente, a sua importância.” (p. 12).

Na Educação Infantil, são incluídas diversas atividades de cunho social e educativo, que os auxiliarão em sua formação acadêmica, como o reconhecimento das letras e números e seu traçado, além de contribuir para o exercício da cidadania.

“Uma série de pesquisas realizadas nos Estados Unidos indicavam que os resultados dos testes de inteligência aplicados às crianças que haviam freqüentado jardins de infância ou creches eram melhores do que os das crianças que não haviam tido tais experiências, independentemente da sua classe social de origem.” (Kramer, 1995, p. 28).

As crianças que não freqüentaram a Educação Infantil poderão encontrar problemas quando ingressarem no Ensino Fundamental por não conseguirem reconhecer as letras e números e nem saber traçá-los. Isso pode gerar a repetência de alunos nas séries iniciais, segundo a folha de São Paulo (12 de julho de 2009) 11,5% das crianças de oito e nove anos são analfabetas. Em sua reportagem traz a opinião de Ruben Klein, que traz como, principal explicação para o analfabetismo entre crianças, a repetência na primeira série. No intuito de solucionar problemas referentes à repetência de alunos na

primeira série do Ensino Fundamental, houve uma mudança na estrutura desse nível de ensino no ano de 2006. Segundo a lei número 11.274, de 2006, artigo 32: “o ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação do cidadão.” Através dessa lei busca-se uma homogeneidade entre os alunos.

Segundo Kramer (1995), é impróprio supor a existência de uma população infantil homogênea, pois existem diferentes crianças com processos desiguais de socialização. Ela nos traz duas visões distintas em relação à criança: há quem as considere ingênuas, inocentes e graciosas; e quem as considere seres imperfeitos e incompletos que necessitam da educação oferecida pelo adulto. Diante dessas duas visões trazidas pela autora, podemos refletir sobre o tipo de educação e os métodos que se deseja oferecer a essas crianças. Se virmos esta criança como ser frágil e indefeso podemos pressupor que esta necessita apenas de cuidados. Se formos analisar do ponto de vista segundo o qual, a criança é um ser imperfeito iremos pensar em uma educação onde o professor iria impor as atividades a serem realizadas no intuito de integrar na criança os conhecimentos necessários para seu aperfeiçoamento. Essas diferentes formas de se ver a infância irão afetar na construção de uma educação própria para crianças.

A Educação Infantil é a base da formação do cidadão, mas notamos através da própria mídia, ao mostrar os protestos de professores, que a este profissional não é dada a devida importância. A partir da lei nº 9.394, de 29 de dezembro de 1996, título II, o Art. 3º, inciso VII vemos que o ensino deve ser ministrado com base em alguns princípios, um deles é: valorização do profissional da educação escolar. É essencial se ter em sala de aula um profissional que saiba lidar com a criança de forma a conhecer seu desenvolvimento cognitivo. Paulo Freire(1996), acredita que o professor não é um mero transmissor de conhecimentos, as crianças precisam de professores que possam interagir com elas e que compreendam suas necessidades. É de suma importância conhecer a formação desse profissional e o surgimento dessa modalidade de ensino, para podermos fazer uma reflexão sobre como ocorre a formação do pedagogo que irá atuar na docência em Educação Infantil.

1.3 A Educação Infantil

Diversos fatores influenciaram o surgimento da Educação Infantil. Na Europa, por exemplo, o crescimento da urbanização, a Revolução Industrial e a Segunda Guerra Mundial foram o “ponta pé” inicial para o surgimento dessa modalidade de ensino. O crescimento da urbanização trouxe a necessidade de um melhor desenvolvimento educacional para as gerações futuras. “A discussão sobre a escolaridade obrigatória, que se intensificou em vários países europeus nos séculos XVIII e XIX, enfatizou a importância da educação para o desenvolvimento social.” (Ramos, 2007, p. 62).

A Revolução Industrial levou as mulheres a trabalharem nas fábricas, com uma jornada de trabalho de 12 a 18 horas diária e uma baixa remuneração. Com essa ausência da mãe, pois tinham que trabalhar, e do pai que havia sido convocado para a guerra, as crianças ficavam sozinhas em casa. Nesse contexto, surge a pré-escola.

Inicialmente as creches traziam uma idéia assistencialista. Era uma forma de prover às crianças o que a sociedade havia lhes tirado. O papel da pré-escola era o de guardar as crianças e prepará-las para a escola comum, pois não tinha quem as acompanhasse no período de três a seis anos de idade. Nesse sentido entravam na escola com níveis inferiores às crianças que tinham esse tipo de acompanhamento em casa.

Diante desse cenário começa a surgir a pedagogia voltada para crianças de zero a seis anos de idade. Kramer (1995) nos traz duas perspectivas diferenciadas da pedagogia: a tradicional e a nova. Na tradicional a criança deve ser sempre disciplinada e sofrer a intervenção de um adulto. Já na Pedagogia nova a criança tem mais liberdade e pode expressar sua espontaneidade sem sofrer disciplinamento, vale lembrar que isso não deveria fazer com que o professor perdesse sua autoridade. Em ambas as teorias, Kramer (1995) ressalta que, o nível social da criança e a importância que é dada a sua educação escolar, pela família, podem interferir em seu desenvolvimento cognitivo enquanto estiver na Educação Infantil. As crianças de nível social baixo são vistas de forma diferenciada das outras crianças de

classe social mais favorecida, são consideradas como carentes e lhes é dada uma educação compensatória. A Educação Infantil surgiu nesse intuito de suprir as carências das crianças pobres. O que se considerava importante naquele momento histórico era a assistência social oferecidas pelas pré-escolas.

Citarei alguns pioneiros da Educação Infantil, para compreendermos melhor o pensamento pedagógico daquela época, Pestalozzi e Froebel (apude, Rizzo, 1989), no período da Revolução Industrial, e Montessori e Mcmillan no final do século XIX. Pestalozzi (apude,Rizzo, 1989) acreditava que a criança possuía todos os meios essenciais para a socialização e o papel do professor era promover a este aluno condições necessárias para desenvolver esses valores que cada criança já trazia desde seu nascimento. Ele também ressaltava a importância da família para o desenvolvimento pleno da criança e esta devia ser submetida à educação moral.

Froebel (apude,Rizzo, 1989) fundou o Primeiro Jardim de Infância (*Kindergarten*), ele acreditava que a criança era uma “sementinha” e os professores eram os “jardineiros”. As crianças precisavam apenas de um ambiente favorável para desenvolver suas aptidões. Froebel (apude,Rizzo, 1989) trouxe muitas contribuições para a educação infantil, sugeriu que os materiais utilizados pelos adultos fossem diminuídos para que as crianças pudessem utilizá-los, como fogões martelos, entre outros que exemplificavam as profissões e a vida dos adultos.

Essa e muitas outras idéias trazidas por estes pioneiros são utilizadas até hoje. Montessori (apude,Rizzo, 1989) também uma pioneira no campo pedagógico dava ênfase à auto-educação do aluno. Ela trabalhava com base na individualidade e liberdade. Ela acreditava que o aluno era o maior responsável por seu desenvolvimento, precisava apenas que lhes fossem oferecidas as condições necessárias. Montessori (apude,Rizzo, 1989) desenvolveu um método fundamentalmente biológico. Mcmillan (apude,Rizzo, 1989) trouxe algumas atividades que desenvolviam as habilidades da criança através da repetição.

“A atenção dos professores se voltava para as necessidades afetivas da criança e para o papel que o professor deveria assumir, dos pontos de vista clínico e educacional” (Sonia Kramer, p. 27). A partir do que afirma Kramer (1995) reitero que a preocupação do professor no surgimento da educação infantil era o de compensar nas crianças as lacunas deixadas pela família.

Durante os anos 1950 com as descobertas dos trabalhos de Vigotsky e Piaget (apud, Rizzo, 1989), cresceu-se o interesse em estudar a evolução da linguagem e como a pré-escola poderia auxiliar a vida acadêmica da criança nesse processo. A partir de então se começou a refletir sobre as metodologias utilizadas na Educação Infantil. No início dos anos 1960 os pensamentos estavam focados na influência da linguagem no rendimento escolar e no pensamento da criança. Algumas crianças que ingressavam na escola não conseguiam acompanhar os estudos, pois não tiveram um acompanhamento dos pais em casa e nenhuma assistência de uma instituição de ensino. Alguns pais também não tinham instrução para poder auxiliar seus filhos. Com isso fica mais evidente que a pré-escola no seu surgimento, vem com o intuito de prover a essas crianças o que a sociedade lhe privou com a guerra e as diferenças sociais.

A pré-escola era assistencialista e servia como preparação para o Ensino Fundamental, como já vimos anteriormente. Essa visão sofreu alterações, com a LDB 9.399/96, que estabeleceu a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, oficializando-se, através de uma lei, a importância desse momento escolar da criança. A Educação Infantil, na maioria das vezes, é oferecida por instituições privadas. É interessante notar que a LDB no título IV artigo V, onde trata da organização da educação nacional, diz que os municípios poderão oferecer a Educação Infantil se já tiverem “atendidas plenamente às necessidades de sua área de competência”. A Educação Infantil apesar de ter sido considerada uma modalidade de educação essencial para a formação do cidadão e prevista em lei, como um direito de todos, ainda não viu florescer essa idéia na prática. Muitos ainda têm que pagar por esse serviço. Vale ressaltar que uma recente aprovação pelo senado, obriga a escolarização da criança a partir de quatro anos. Sendo que os estados e municípios terão até 2016 para programar a mudança gradualmente.

2.Histórico da formação inicial de pedagogos na educação infantil

O curso de pedagogia nem sempre foi reconhecido,

”Conquistou seu registro legal em 1932 e passou por muitas reformulações político-curriculares. Na década de 1960, foi aprovada a Lei n.º 5.540/1968 que estabeleceu a reforma universitária e, nela, as alterações na formulação do curso, cuja regulamentação esteve prescrita no Parecer n.º 252/1969 que distinguiu a formação do Bacharel e do Licenciado, instituindo, além disso, a formação do especialista por meio de habilitações. Desde então, este curso tornou-se um dos espaços de formação dos profissionais da educação.” (Oliveira, 2009, p.144).

Sá (2004), em sua tese, traz um debate que já perdura desde antes da segunda metade do século XX, que diz respeito à falta de identidade do curso de pedagogia e de sua cientificidade. Através de seus estudos, ela afirma que a pedagogia é “uma ciência que lida com um objeto inconcluso, que se modifica pela ação (relação) que o sujeito estabelece com ele.” Essas e outras problemáticas serão abordadas neste capítulo.

Na Bahia, em 1939 foi instalado o curso de pedagogia dentro da Faculdade de Filosofia. Este curso formava técnicos ou especialistas em educação. O público que fazia parte do curso de pedagogia eram professores que já atuavam em sala de aula da rede pública. A estrutura do curso era realizada no esquema “3+1”, no qual durante três anos a pessoa se tornava Bacharel em Pedagogia e fazia mais um ano de curso para se tornar licenciado.

Em 1962 o curso de pedagogia sofreu pequenas alterações. Valnir Chagas redigiu uma pequena mudança no curso de pedagogia, sem alterar sua natureza dualista de formação entre o Bacharel e o Licenciado. Ele mudou o esquema “3+1” e a partir de então, o pedagogo era formado em quatro anos englobando as disciplinas de bacharelado e licenciatura simultaneamente durante todos os anos do curso, não existindo mais a distinção temporal entre a formação do licenciado e do bacharel.

Em 1968 foi promulgada a lei da reforma universitária e se criou a Faculdade de Educação. O curso de Pedagogia deixou de fazer parte da Faculdade de Filosofia. Sá (2004) traz algumas funções da faculdade de educação, segundo Brzezinski, das quais destaco: “Formar professores e especialistas em educação (...) disseminar a concepção de educação que deve iluminar a universidade, visto ser esta uma instituição geral de educação superior” (Sá, 2004, p. 81). Destaco essas duas no intuito de esclarecer o tipo de aluno que o curso de Pedagogia deveria formar.

Neste momento, ainda, Valnir Chagas confirmou na lei o que já vinha acontecendo na prática do curso de pedagogia. Ele dividiu o curso de pedagogia em habilitações: o administrador escolar; o supervisor escolar, o orientador educacional; o planejador educacional, que era uma especialização feita pelo curso de pós-graduação e o inspetor escolar.

O pedagogo era o orientador, supervisor, administrador, inspetor e, além disso, era o professor do curso normal, habilitado para formar professores que fossem atuar na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, (formava os alunos do curso de magistério). Segundo a LDB 9394/96 Art. 63

"Os institutos superiores de educação manterão: § I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a Educação Infantil e para as primeiras Séries do Ensino Fundamental". (Brasil, LDB, 1996)

Posteriormente esse pedagogo passou a lecionar nas classes de Educação Infantil, pois se este formava professores para atuar nessa área, também se acreditava que estaria apto para atuar na docência infantil. Através dessa descrição notamos que o pedagogo não tinha uma identidade profissional própria, um objeto de estudo definido, o pedagogo podia fazer de tudo um pouco com uma formação restrita em apenas quatro anos. Sá (2004) explicita a compreensão da ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - sobre a formação do pedagogo que, segundo a mesma, deve ter como referência uma base teórica epistemológica no campo

educacional e a identidade do pedagogo deve ser voltada para a docência. Isto restringe a formação do pedagogo à docência.

É relevante se considerar a idéia de que o pedagogo tenha uma formação ampla, que lhe proporcione ir além da docência para a pesquisa, mas considero importante existirem profissionais que atuem na reflexão sobre as propostas pedagógicas para a Educação Infantil. Não quero com isso dizer que o professor não deve refletir sobre essas propostas, mas sim que se faz necessário alguém que se dedique mais exclusivamente a isso.

Para se pensar em um projeto educativo para a Educação Infantil é necessário articular, segundo o Referencial Curricular Nacional (RCN) de 1998 para Educação Infantil, três instâncias: as práticas sociais, as políticas públicas e a sistematização dos conhecimentos dessa etapa. Esse trabalho não é simples e demanda uma atenção especial. Com essas três instâncias, notamos que esse processo necessita de uma reflexão e uma documentação, se tornando necessário que alguém dê conta dessa demanda.

Em um depoimento da professora Cristina D'Ávila, no I Fórum de Didática e Prática de Ensino (2009), mencionou que o docente que leciona no nível superior tem que dar conta de elaborar projetos, orientar monografias, produzir diversos textos, publicar, administrar e ainda dar conta da docência. A mesma sobrecarga acontece na Educação Infantil, o mesmo profissional, prepara aulas, projetos, lembrança das datas comemorativas, planos anuais, tem que dar conta da demanda dos alunos e dos pais, fazer relatórios entre outras funções.

Segundo Dr. Feliz Diaz, professor da UFBA, em depoimento em palestra ministrada aos alunos egressos da UFBA (2009), o professor deve ser integral sendo preparado para atuar na sala de aula de forma científica, deve ser apto a formar cidadãos de forma a proporcionar uma sociedade futura melhor e ser capaz de estimular o crescimento individual e social de seu aluno. Para isso o pedagogo necessita de uma formação ampla que lhe proporcione a reflexão do processo educativo, mas receio que essa formação acabe se perdendo diante de tantas opções. Gostaria de simplificar com uma comparação: o estudante de medicina, inicialmente, estuda tudo sobre o corpo humano e seu funcionamento e, posteriormente, esse estudante se especializa em uma pequena parte do corpo humano. Com a pedagogia não deveria ser diferente.

O pedagogo/educador deve ser conhecedor de todo o sistema educacional e refletir sobre as práticas, mas é necessário se especificar em uma habilitação e assim exercer a função escolhida. O profissional da área de educação precisa se definir, ter uma identidade própria, se deseja ser professor que se aprofunde mais no assunto, se for coordenador idem, e assim em qualquer área que o pedagogo for escolher seguir.

Quando ingressei no curso de Pedagogia na UFBA perguntaram aos estudantes o motivo de terem escolhido o curso de Pedagogia e a resposta da maioria foi a de que já tinha tentado várias vezes fazer outro curso e acabou optando por fazer Pedagogia pela concorrência ser menor, outros também diziam que seu sonho era fazer Psicologia, mas como não haviam conseguido passar optaram pelo curso de Pedagogia por ser o que mais se aproxima de Psicologia. Lembro-me que apenas três ou quatro responderam que queriam Pedagogia porque era seu sonho trabalhar na área de educação. Acredito que a deficiência na formação dos professores não esteja ligada apenas a questões de leis e de currículos, também é uma questão do próprio pedagogo se aceitar como tal e compreender que ser professor não é ser melhor nem pior que qualquer outro profissional.

A atuação do profissional de educação é vista de forma bem ampla pela legislação. Segundo a LDB 9394/96 Art. 64, o curso de pedagogia deve proporcionar “A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica.” Direcionando assim a mesma formação para várias funções. Isso leva muitos estudantes a entrarem nesse curso com o discurso de que está fazendo pedagogia, mas não vai ser professor, pois prefere área de Coordenação ou Empresas.

Em 1999 o curso sofreu algumas alterações, esse currículo (1999) em sua justificativa propõe:

“[...] a formação do profissional de educação – pedagogo – não mais na perspectiva da formação especializada, expressas nas tradicionais habilitações, mas na perspectiva de uma formação geralista sólida com possibilidade de opção por aprofundamento dos campos do saber educacional.” (currículo de Pedagogia, UFBA, 1999)

Com essa reestruturação o curso passou a formar o coordenador do trabalho pedagógico, o antigo administrador escolar, orientador educacional, entre outras áreas de atuação que envolvesse educação. Com isso tínhamos uma formação generalista e flexível.

Com o DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais- de 2006, houve a extinção do curso normal superior e recaiu sobre o curso de pedagogia a função de formar professores para atuar nos primeiros anos de escolarização. Segundo dados extraídos do novo currículo da UFBA de 2009, com essa mudança, os cursos de pedagogia que obtinham uma formação mais generalista da educação, tiveram que se adequar e reformular seu currículo, onde a formação do pedagogo deveria estar fundamentada na docência da Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Em uma palestra ministrada pelo professor Kleverto Bacelar, da UFBA, dirigida aos estudantes da UFBA (2009), declarou que o curso de pedagogia havia se tornado o Curso Normal em nível superior. Concordo com ele nesse aspecto, pois se o curso normal tinha essa função, de formar professores para a docência da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental e o curso de Pedagogia tinha uma função diferenciada ampliando-se para a ordem pedagógica, áreas de coordenação e orientação, com essa mudança, a parte de fundamentação pedagógica ficou como secundária no currículo e as metodologias se tornaram o foco principal. A partir de 2009 o curso de Pedagogia dará mais ênfase à questão da metodologia, voltando o curso para a docência.

3. O currículo do curso de Pedagogia 1999-2008/FACED/ UFBA

Antes de entendermos o currículo do curso de Pedagogia, gostaria de trazer dois aspectos importantes, um conceito de currículo e em seguida algumas concepções gerais sobre o currículo. Segundo a tese de Sá (2004), na qual baseio meus estudos referentes ao currículo da UFBA, currículo se define como todas as experiências vividas pelo estudante que foram supervisionadas pela instituição de ensino. Sendo a instituição de ensino responsável por selecionar as experiências mais significativas para a formação discente. As concepções gerais de currículo, inicialmente, eram voltadas para as técnicas, métodos e procedimentos, Moreira e Silva (1999) trazem que o propósito inicial de se estudar o currículo seria o de que as atividades pedagógicas pudessem ser analisadas cientificamente de forma a não desviar o aluno da formação proposta pela instituição de ensino. O currículo vem se tornando algo complexo. Na construção do currículo crítico, almejado atualmente, interferem fatores políticos, sociais e epistemológicos.

Segundo Moreira(1999), o currículo tem o poder de desenvolver processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos. Ele destaca duas concepções de currículo: conhecimento escolar, onde o conteúdo é trabalhado de forma pedagógica e o aluno deve ser capaz de absorver esses conteúdos e colocá-los em prática; e experiência de aprendizagem, onde se dá ênfase às diferenças individuais. Para ele o currículo é o conjunto de experiências as quais o estudante tem vivencia sob a orientação da escola.

Em ambas as concepções incluem a questão do conhecimento, mas em focos diferentes. A partir de 1970, o currículo começou a ser tratado de forma mais crítica e superou-se o caráter técnico-prescritivo. Surge então a idéia de um currículo oculto, onde estão implícitos valores e normas segundo Apple, (1982). O currículo não é mais visto apenas como um documento estático como se imaginava tempos atrás. O currículo passou a ser visto como um cenário mais amplo e complexo.

Segundo Moreira (1999, p. 15):

“Essa nova visão currículo inclui: planos e propostas (o currículo formal), o que de fato acontece nas escolas e nas salas de aula (o currículo em ação), bem como as regras e as normas não explícitas que governam as relações que se estabelecem nas salas de aula (o currículo em oculto).”

Trago essa citação no intuito de deixar clara a complexidade em se elaborar um currículo, este envolve diversos setores da educação e também incluem questões políticas e sociais. Considerando o currículo como um “artefato social e cultural”, é através dele que encontramos a identidade do profissional que se deseja formar. No currículo estão implícitas e explícitas as teorias, ideais e metodologias nas quais a instituição acredita ser a melhor a seguir.

“Histórico-socio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante a produção de conhecimento.” Paulo Freire(1996). O ser humano está em constante mudança e essa vulnerabilidade provoca mudanças sociais e vice-versa. Considerando que o currículo visa a formação do indivíduo em instituições de ensino, é fácil compreender porque o currículo está em constante mudança. Nos primórdios da escola o que se interessava era formar cidadãos que falassem eloqüentemente e tivessem boa memória, sendo seus professores escravos, não havia uma reflexão sobre o conteúdo ensinado. A sociedade foi mudando, com isso também se mudou a visão em relação às escolas. Os currículos atuais trazem concepções diferentes, de acordo com seu ideário sócio-político-econômico.

Quando pensarmos no currículo de Pedagogia, devemos pensar, primeiramente, em que tipo de profissional se deseja formar. O currículo do curso de Pedagogia da UFBA que esteve em vigor entre 1999-2008, era bem amplo podendo se direcionar para a área hospitalar, empresarial, administrativa ou docência.

Encontramos no currículo de Pedagogia da UFBA tanto no ano de 1999-2008 como no de 2009, disciplinas de metodologia, didática, sociologia, filosofia, psicologia, entre outras. Essas disciplinas são importantes para o

currículo, mas a formação de um professor deve ir além destas disciplinas em sala de aula.

“Entendemos que um curso de formação em Pedagogia voltado para a docência na Educação Infantil tem muitas responsabilidades e uma delas é criar condições de ensino, pesquisa e extensão que façam compreender, com os aprofundamentos devidos, o processo de desenvolvimento humano em sua complexidade, para a constituição dos processos pedagógicos destinados à formação da criança de até seis anos de idade.” (Oliveira, 1992, p. 146).

O curso de Pedagogia deveria ir além da formação técnica e metodológica. O pedagogo/docente deve buscar conhecer a formação cognitiva do seu aluno, deve refletir sobre o papel que a sociedade tem no processo de formação do indivíduo. Ao refletirmos sobre as mudanças ocorridas no curso de pedagogia, vale a pena ressaltar algumas alterações que atingem essa formação do pedagogo trazida pela autora Oliveira (1992). O currículo de Pedagogia que esteve em vigência entre 1999-2008, dava maior ênfase a aspectos referentes ao processo educacional/organizacional do que às metodologias. No quadro dos componentes curriculares obrigatórios, no que cerne a metodologia e didática, havia apenas seis componentes que eram: Didática, Avaliação da Aprendizagem, Alfabetização, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos; e Introdução à Educação Especial. Este quadro era composto por vinte e cinco componentes e apenas seis eram destinados a formação do professor.

Já no novo currículo (2009), os componentes curriculares colocam a docência como principal foco na formação do pedagogo, sendo que no currículo de 1999 não era dada devida importância a metodologias e didáticas, ficando em segundo plano. Ao analisar o quadro curricular com carga horária e creditação (em anexo), nota-se mais nitidamente quanto deficitário era o curso de Pedagogia (1999-2008) nas metodologias e didática. A carga horária das disciplinas obrigatórias totalizava 1.500 horas e destas, apenas 360 horas eram destinadas a questões metodológicas.

Havia diversas outras disciplinas como: organização da educação brasileira, trabalho e educação, gestão da educação, entre outras, que acredito

serem importantes para a formação do pedagogo, desde que se supra a questão metodológica e didática da educação sem deixá-la em segundo plano. No quadro dos componentes obrigatórios não existe nenhum componente que trate metodologia, estas estão no campo dos optativos. Segundo Libanêo (2005), a didática é a sistematização de conhecimentos e práticas referentes aos fundamentos, condições, modos e realização do ensino. Com a didática o professor deveria ser capaz de auxiliar o aluno a formar conceitos mentais ligados a realidade, para assim produzir conhecimentos. Paulo Freire (2000) nos fala de diversos atos imprescindíveis no momento em que o educador for atuar na docência, dos quais destaco: ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, reflexão crítica sobre a prática e o reconhecimento e assunção da identidade cultural, os demais atos podem ser encontrados no seu livro, pedagogia da autonomia. Esses pontos ressaltam cada vez mais a importância de se ter um curso de Pedagogia que contemple as questões metodológicas e didáticas.

Sá (2004) explicita aspectos relevantes sobre a formulação do currículo de Pedagogia que teve vigência no período de 1999-2008. Ela considera o ano de 1996 como um marco para se chegar ao currículo de 1999. Os debates ocorridos nos seminário de “planejamento estratégico da FAGED” e “repensando o curso de pedagogia”, traziam questões referentes à “formação de educadores para a atuação na educação básica, abrangendo a Educação Especial, a Educação Infantil e o ensino das séries iniciais de crianças, jovens e adultos.” (p. 104) Essa função, segundo Sá, era do antigo magistério do segundo grau. Ela nos traz também outros dados referentes à lei número 9394/96 da LDB, que em seu artigo 63 diz que os institutos superiores são responsáveis pela formação docente e no artigo 64 diz que a formação para “administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional”, deveriam ser feitos em outro curso de especialização. Esses aspectos levaram a diversas reflexões até se chegar ao currículo, cursado por mim, que vingou no ano de 1999.

Na fundamentação teórica do currículo de Pedagogia que teve vigência em 1999, diz que:

“Para responder às exigências da formação do trabalhador em educação, cabe ao currículo oferecer um lastro de conhecimentos e se apoiar numa dinâmica que permita, no lugar do acúmulo de conhecimentos previamente definidos e rigidamente oferecidos a construção contínua de novos conhecimentos, mediante o confronto permanente com as experiências construídas em outros espaços de aprendizagem, possibilitado pela investigação sistemática, ou seja pela pesquisa.” (fundamentação teórica do currículo de pedagogia, 1999)

Através dessa fundamentação teórica notamos a abrangência do curso de Pedagogia proposto por esse currículo (1999). Este teve um amplo corpo de componentes curriculares, que ofereciam ao estudante diversos caminhos acadêmicos. Este currículo (1999) pretendia romper com a formação técnica de pedagogos, pretendia-se trabalhar “[...] na perspectiva de uma formação geralista sólida com possibilidade de opção por aprofundamento em campos do saber educacional” (justificativa, currículo de Pedagogia, UFBA, 1999). Além disso, este currículo desejava romper com a rigidez do currículo anterior, que era expresso em uma “grade” curricular estática. Com este currículo (1999) foi:

“[...] facultada ao estudante a definição do próprio percurso curricular a ser seguido e proporcionada ao mesmo a possibilidade de exercer autonomia da produção de seus próprios conhecimentos, mediante a adoção de métodos que propiciem a verdadeira produção acadêmica.” (fundamentação teórica do currículo de pedagogia, 1999)

Sá (2004) traz o currículo como “fenômeno/processo complexo”. Comprovamos isso ao notar que o currículo do curso de Pedagogia está em constante reformulação. O currículo aprovado em 1999 possuía um número considerável de componentes optativos, escolhidos pelo estudante, totalizando doze componentes curriculares, neste currículo o estudante tinha a opção de construir seu curso de acordo com sua área de maior interesse. O quadro de componentes obrigatórios proporcionava matérias que davam suporte ao trabalho pedagógico, disciplinas como: introdução ao trabalho acadêmico, currículo, didática, supervisão educacional, entre outras. Já o novo currículo que teve vigência em 2009 reduziu pela metade o número de disciplinas optativas, oferecendo ao estudante poucas oportunidades de escolher sua trajetória acadêmica. Desconsiderando que o “Aprender, é um processo que

pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador.” (Freire, 1996, p. 24). No novo currículo de Pedagogia(2009) encontramos um tópico que expõe a adaptação curricular do curso:

“[...] extinção e criação de diversos componentes curriculares, ausência de pré-requisitos, ausência de habilitações, aumento do número de disciplinas obrigatórias, redução de componentes de fundamentos teóricos da educação e aumento das disciplinas voltadas para a formação docente para a Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, diminuição do número de disciplinas optativas, inclusão de componentes curriculares para o estágio supervisionado, inclusão dos seminários interdisciplinares, dentre outras alterações.” (adaptação curricular, do currículo de pedagogia, 2009)

A partir do novo currículo (2009), vemos que a autonomia que o estudante possuía em relação ao seu curso foi extinta, com o quadro de componentes curricular optativo reduzido, reafirmo que a formação do pedagogo se restringiu a docência. Segundo a professora Maria Roseli (2004), no currículo de 1999, os alunos tinham diferentes formas de direcionar sua formação acadêmica, de acordo com suas vivências.

Uma questão clara no currículo de pedagogia é a questão da identidade do curso, pedagogia é ou não uma ciência? Sá (2004) traz em sua tese, a idéia de Mazzoti, que acredita que a Pedagogia seja a ciência da prática educativa. Diversos são os autores que acreditam na Pedagogia como ciência, como é o caso de Libanêo (2005) e Sá (2004). Mas ainda existem os que acreditam que a pedagogia não é uma ciência. Algumas perguntas trazidas pela professora me inquietaram durante alguns anos de minha graduação, perguntas como: porque essa preocupação em delimitar o objeto de estudo para adequá-lo a uma ciência? Essa seria a condição para os estudos de pedagogia ter legitimidade? Sá, responde muito bem essas perguntas, mas gostaria de me utilizar de Paulo Freire (1996) pra responder a essas questões quando em seu livro pedagogia da autonomia diz que na formação dos professores um momento imprescindível seria a reflexão crítica da prática pedagógica. Ele acredita que ao pensarmos a prática de hoje poderemos mudar a prática de amanhã. A pedagogia é uma ciência ampla e tem como seu objeto de estudo a prática educativa que vive em constante mudança. O currículo de Pedagogia

(1999-2008) diz em sua fundamentação teórica que: “O objeto de estudo e objetivação de sua prática é o processo educativo.”

No novo currículo de Pedagogia (2009), o pedagogo adquire uma nova identidade, ele deixa sua formação ampla e se torna basicamente:

“[...] um profissional capaz de desempenhar funções de docência em Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, bem como de planejamento, gestão, coordenação pedagógica, assessoramento, pesquisa.[...]”

Este pedagogo é licenciado em pedagogia. Apesar de ainda existir a possibilidade de cursar componentes referentes ao processo educativo mais amplo, com as mudanças curriculares o pedagogo se tornou fundamentalmente o professor de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

4. Estágio

O estágio é o momento onde o aluno pode ter uma vivência mais próxima de sua prática. Todo o curso de formação profissional seja de nível superior ou técnico, tem esse momento. O curso de pedagogia da UFBA não possuía estágio supervisionado. Segundo o currículo (1999), o estudante deveria buscar seu estágio em qualquer instituição de ensino, este estágio poderia ser nas modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além do estágio em sala de aula o estudante também deveria procurar um em coordenação. Na ementa do componente curricular "Estágio" presente no currículo do curso de Pedagogia de 1999-2008, encontramos a seguinte descrição:

"Conjunto de experiências e vivências de trabalho em educação realizadas em quaisquer instituições, programas, serviços de natureza educacional. Essas experiências devem ser diversificadas tanto em relação aos espaços onde serão desenvolvidas como em relação as funções realizadas, as quais deverão necessariamente incluir as funções de ensino e de organização do trabalho pedagógico." (ementa do componente curricular "Estágio", currículo, 1999)

Após concluir a carga horária exigida (300horas), o estudante de Pedagogia deveria comparecer ao colegiado com os certificados das instituições nas quais estagiou, não sendo necessário entregar nenhum relatório. A ementa do componente curricular "Estágio" determina:

"No semestre previsto para a conclusão do curso um professor membro do colegiado analisará os comprovantes e emitirá parecer sobre o aproveitamento dos mesmos e atribuição de cargas horárias parciais e totais." (ementa do componente curricular "estágio", currículo, 1999)

Ainda seguindo a ementa tem um item que diz: "O encaminhamento dos alunos para o estágio será feito pelo colegiado do curso." Mas infelizmente, na prática esse encaminhamento era realizado através de um contrato que o estudante já traria

pronto, para a instituição assinar. A UFBA tem vínculo de estágio com algumas empresas, como IEL (Instituto Evaldo Lodi) e o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), através dessas instituições o estudante tem acesso às vagas de estágio. Quando algumas dessas empresas encaminham o estudante para um estágio, redige um contrato, no qual devem assinar: o estudante, a instituição de ensino (no caso a UFBA), a empresa (CIEE ou IEL) e a empresa contratante. Mas por parte da Universidade não existe um acompanhamento pedagógico durante o estágio, apenas assina-se o contrato e posteriormente o estagiário recebe um certificado de estágio no qual se declara sua carga horária e o nome da instituição a qual estagiou, (segue em anexo um modelo).

No novo currículo de 2009, o estágio é supervisionado, diferente do currículo de 1999-2008. Neste novo currículo, o estágio proposto é dividido em quatro etapas. No primeiro estágio, o aluno deverá conhecer o ambiente escolar, os professores, coordenadores, enfim toda a equipe escolar. Deverá também ter acesso à documentação que rege a escola, como planos de ensino, projeto político pedagógico, entre outros.

No segundo estágio, “o estudante elege uma sala de aula e acompanhará durante 60 horas o andamento das atividades dessa classe”. Essa turma pode ser tanto de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos. Neste período o aluno poderá observar como o professor administra suas aulas, poderá participar de todas as atividades junto ao professor regente, sendo que não poderá substituí-lo. Neste estágio só poderá ficar um aluno por sala, diferente do primeiro estágio que poderia ser realizado em grupo de até quatro pessoas. Paulo Freire(2000) diz em seu livro pedagogia da autonomia, que:

“se trabalho com crianças, devo estar atento a difícil passagem ou caminhada de heteronomia para autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora inquieta da busca dos educandos.” (Freire, 2000, p. 70)

Este estágio de observação em sala de aula poderá proporcionar ao estudante a compreensão do que Paulo Freire traz. Como observador o aluno tem a oportunidade de analisar o processo de desenvolvimento da criança e

como o professor regente age no intuito de auxiliar na formação e autonomia dessa criança. É bem verdade que o período de estágio é curto, mas cabe ao aluno tirar o máximo de proveito desse momento e observar todos os aspectos possíveis.

O terceiro estágio pode ser realizado em grupo, este será feito em instituições não formais de educação, como ONG, instituições religiosas que cuidem de crianças. Ou pode ser realizado em empresas na área de recrutamento de pessoas e treinamento de pessoas. Todo trabalho do estudante deve ser realizado perante a supervisão de um funcionário, monitor ou do próprio professor. Ao finalizar o estágio cada estudante deverá fazer um relatório. Este estágio proporcionará o estudante o conhecimento da pedagogia empresarial e com o devido assessoramento.

O quarto estágio é junto à coordenação pedagógica. O estudante irá observar a atuação desse profissional, bem como documentos da instituição como o Projeto Político Pedagógico. O estudante “analisará como a coordenação faz a intermediação com os professores, como ela lidera o planejamento, execução das atividades pedagógicas. Ao final do estágio deverá entregar um relatório.

É interessante notar, que segundo a proposta do novo currículo da UFBA (2008), cada estágio terá o assessoramento de um professor e será necessário redigir um relatório sobre o que foi aprendido, diferente do que acontecia no currículo antigo (1999-2008). Neste novo estágio o que antes, os estudantes questionavam, de “cair de pára-quedas” na sala de aula, não irá mais acontecer. Com essa nova formulação o currículo da UFBA ficou melhor, apesar de ter voltado o curso para a docência.

Além dessa nova forma de estágio, está nascendo, na UFBA, um programa de Educação Tutorial (PET), que segundo o site do MEC

“[...] foi criado para apoiar atividades acadêmicas que integram ensino, pesquisa e extensão. Formado por grupos tutoriais de aprendizagem, o PET propicia aos alunos participantes, sob a orientação de um tutor, a realização de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica do estudante e atendam às necessidades do próprio curso de graduação.” (BRASIL, MEC, disponível em << <http://portal.mec.gov.br>>> acesso em 23 de novembro de 2009)

Dentre essas atividades, se incluem o trabalho de estágio supervisionado em classes de Educação Infantil, classes do Ensino Fundamental I e de coordenação pedagógica. Esse programa já implantado na UFBA começou sua seleção de bolsistas e a partir do 1º semestre de 2010 irá auxiliar alguns alunos em sua formação, mas infelizmente este programa não poderá contemplar a todos os estudantes.

O ideal de todo estágio, seria que o estudante tivesse o apoio de um profissional atuante, como o proposto para os alunos egressos no ano de 2009. Quando estagiei pela primeira vez, não tive o apoio de um professor, nem mesmo da coordenação da escola, atuei como professora do maternal, pois a diretora acreditava que não dava muito trabalho. Muitas vezes fazia atividades repetitivas, apenas de pintura. Diante da falta de orientação me senti pouco capacitada a estar atuando como professora, pois acredito que ser professor de Educação Infantil vai além de brincar com as crianças. Nessa fase devemos nos preocupar com a formação moral e social da criança e fiz o máximo que pude para proporcionar aos meus alunos esse desenvolvimento.

Quando um professor assume a sala de aula deve se preocupar com o aprendizado e o desenvolvimento de seu aluno isso me levou a refletir sobre o processo inicial levado a cabo na UFBA, no contexto do currículo de 1999-2008, do curso de pedagogia, por representar uma lacuna referente à ausência de assessoramento pedagógico nessa etapa fundamental de formação pedagógica.

5. Metodologia

Este trabalho pretendeu analisar o processo da formação de pedagogos na Educação Infantil e o currículo de Pedagogia antigo (1999-2008) e novo (aprovado para o início de 2009) da UFBA. Pretendeu também analisar o estágio, para compreender como este auxilia na formação do pedagogo. A opção metodológica recai sobre a pesquisa bibliográfica, baseada em livros e periódicos científicos; a pesquisa documental, analisando a LDB; e a técnica de grupo focal, considerando, como sujeitos, os estudantes de Pedagogia, que atuam em escolas de Educação Infantil. Os participantes do grupo focal são estudantes que atuaram em sala de aula, na modalidade de estágio, sem o acompanhamento pedagógico da Faculdade de Educação. Estes estudantes tinham o apoio dos colegas de curso e algumas vezes da instituição na qual estagiavam e, entre os participantes tinham estudantes que haviam cursado disciplinas referentes à Educação Infantil. Foi distribuído, inicialmente um questionário com alguns dados pessoais.

As questões do roteiro de entrevista buscaram compreender como o estágio, com acompanhamento docente, pode auxiliar o estudante no momento de assumir uma sala de aula como docente. Buscou também compreender como o estudante vê sua própria formação inicial e o papel do estágio curricular como espaço de formação profissional.

5.1 Grupo focal

A técnica de grupo focal conseguiu se destacar a partir dos anos 1980 em diversas áreas de estudos. Resgata procedimentos das Ciências sociais, Psicologia e Serviço social. Segundo os autores Otávio Cruz Neto, Marcelo Rasga Moreira e Luiz Fernando Mazzei(2002) essa técnica se reelaborou com o objetivo de “captar os anseios dos consumidores, definindo padrões a serem seguidos pelas empresas em seus futuros lançamentos.” (Neto, Moreira, Sucena, 2002, p. 3). Essa forma de pesquisa era utilizada para obter informações sobre o consumidor, para melhoria dos mercados, posteriormente

ela foi adaptada com novas abordagens. Essa técnica tem por principal característica:

“Trabalhar com a reflexão expressa através da ‘fala’ dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema. Em decorrência, as informações produzidas ou aprofundadas são de cunho essencialmente qualitativo.” (Neto, Moreira, Sucena, 2002, p. 5).

Optei pela técnica de grupo focal, porque pretendi analisar a opinião de um grupo de estudantes do curso de Pedagogia da UFBA em relação a sua formação acadêmica, voltada para a docência em Educação Infantil. Por ser também uma forma prática e direta de me relacionar com o estudante do curso de Pedagogia e obter maiores informações acerca do curso e sua formação. A técnica de grupo focal proporciona um debate mais amplo sobre o tema.

Segundo Gomes e Barbosa (1999) “o grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade.” Esta citação me fez refletir e optar por essa técnica, pois acredito que a discussão direta com os alunos do curso de Pedagogia, dará uma maior amplitude às respostas que busco como presente pesquisa.

Essa técnica vem crescendo no âmbito da pesquisa social e

“Requer esforços analíticos que a (re)interpretem e trabalhem em consonância com as demandas dos cidadãos, colocando-a em posição de destaque no campo metodológico.” (Neto, Moreira, Sucena, 2002, p. 2).

As respostas encontradas através da discussão com o grupo focal se uniram a uma maior sustentação em teóricos da educação. Seguindo a organização e sistematização dessa técnica, este trabalho foi dividido por tópicos relacionados à formação docente, com três eixos: o currículo, o estágio e a opinião geral do estudante em relação ao curso/formação. Antes de iniciar o debate, cada aluno preencheu uma ficha para a coleta de alguns dados pessoais, importantes para a pesquisa. Ao iniciar o debate em si, trouxe

questões relacionadas ao currículo do curso, posteriormente questões relacionadas ao estágio na Educação Infantil. O debate foi constituído por: seis alunos, da disciplina Projeto Monográfico, uma mediadora do debate (a própria autora da pesquisa) e o observador (o professor da turma). Normalmente o grupo focal reúne um número maior de participantes em sua elaboração, mas como toda entrevista foi registrada através de áudio, omiti alguns participantes como: o relator, operador de gravação, transcritor de fitas e digitador.

Os estudantes do grupo selecionado para a pesquisa, estavam cursando a partir do sétimo semestre. Destes estudantes, apenas duas, do grupo escolhido, já atuaram em Educação Infantil, mas todas as demais já participaram de disciplinas que envolvam metodologias da Educação Infantil ou já atuaram como docente. Por este motivo têm subsídios para falar sobre o tema. A pesquisa foi realizada no laboratório de informática da UFBA.

Para o desenvolvimento do grupo focal utilizei um gravador para registro das falas dos sujeitos e roteiro de entrevista (em anexo). O tempo de duração foi de 90'. O convite para a entrevista foi feito com quinze dias de antecedência. Os estudantes foram envolvidos por adesão voluntária. Cada estudante teve a oportunidade de expressar sua opinião a cada questão.

6. Análise de dados

O currículo do curso de Pedagogia de 1999, como já foi visto nas referências teóricas, proporcionava diversas disciplinas optativas, proporcionando ao estudante traçar seu caminho acadêmico com relativa independência. Essa amplitude é vista de diferentes formas pelos estudantes da UFBA, através do grupo focal coletei algumas informações acerca dessa amplitude do currículo a estudante (A.) afirma:

“O currículo é bem interessante, pois proporciona experiência em várias áreas. Não deixa a gente limitada a certo tipo de conhecimento. Agora a questão de aprofundamento dessas disciplinas é que deveriam ter um pouco mais, referente às optativas.” (A.)

Assim como (A.), a estudante (E.) também acredita no currículo amplo:

“O currículo amplo é bom, por que você já vai ter essa visão generalista da coisa e depois direcionar as duras penas, mas direcionar!” (E.)

A opinião de (P.), no entanto, vai além da teoria para o que realmente acontece na prática:

“Eu acho importante essa liberdade de fazer o que você quer, mas a partir do momento que você diz que é assim, na prática eu considero que não é. Por que no mesmo momento faltam matérias optativas que te levem a isso, nós temos da gestão uma ou duas matérias optativas e eu vou me especializar com apenas isso?” (P.)

É interessante notar que os estudantes aprovam a questão de se ter um currículo com formação ampla, mas de acordo com o depoimento de (P.), vemos que isso não ocorre na prática, a lista de matérias optativas é grande, mas infelizmente nem todas são oferecidas todos os semestres. Além desse currículo (1999) amplo, o curso de Pedagogia da UFBA, proporcionava aos

seus estudantes egressos, uma autonomia diante de sua formação, mas diante dos depoimentos coletados, notei que alguns estudantes não compreendem essa autonomia e criticam a forma como é realizada, a estudante (P.) diz:

“O currículo é um pouco generalista, nem para gestão ele prepara muito bem. Acho que foi tentar fazer as duas coisas, mas não saiu muito certo. Falta metodologia, não somente para a Educação Infantil, mas também para o Ensino Fundamental de primeira à quarta série, ele não contempla. Está faltando algo aí.” (P.)

Também teve quem discordasse. A estudante (H.) disse:

“Eu tenho uma visão diferente, o currículo não é tão despreparado assim, mas as pessoas vêm com uma questão muito presa do professor na sala de aula. A gente está aqui. Escolhemos vir para uma Universidade Federal que dava a opção de você escolher qual caminho você queria seguir.” (H.)

Na seqüência do depoimento de (H.), conseguiremos compreender melhor porque o estudante de pedagogia não enxerga a autonomia proposta pelo curso que esteve em vigor, o estudante de pedagogia na realidade não tem essa autonomia, a estudante H. afirma que:

“Tem outros fatores socioeconômicos que permeiam nossa escolha aqui. Agora uma vez que estamos aqui e queremos ser professores de Educação Infantil eu vou escolher ferramentas que me dêem condições de ser professora de Educação Infantil.” (H.)

Os fatores socioeconômicos afetam diretamente a formação do pedagogo, muitos estudantes necessitam trabalhar e não podem desfrutar de tudo que a faculdade tem a oferecer.

Através da opinião de estudantes, notamos algo que já foi discutido, o currículo (1999-2008), deixava a desejar na questão metodológica. A estudante (J.) diz que:

“ O currículo, na questão de metodológica, deixa a desejar. Ele me deixa um pouco insatisfeita, busco algo mais profundo na questão metodológica do que a gente vê hoje na Educação Infantil.” (J.)

No currículo (1999) o estudante poderia aprofundar sua formação nas áreas de supervisão, recursos humanos, classe hospitalar, orientação e administração escolar. Segundo este currículo (1999), o curso de Pedagogia formava um profissional capacitado para atuar na:

“docência, administração, gerência, supervisão, orientação educacional, orientação profissional, coordenação pedagógica, assessoramento, consultoria, pesquisa, inspeção, planejamento, avaliação em sistemas educacionais, redes escolares, unidades escolares públicas e privadas, empresas, programas, projetos e demais instituições onde se realizem o processo ensino-aprendizagem.” (currículo de Pedagogia da UFBA, 1999)

O mesmo profissional poderia atuar nessas diversas áreas, sendo que caberia ao estudante focar, durante os quatro anos de estudo, qual seria seu maior anseio quanto à sua formação e selecionar disciplinas que o possibilitem seguir sua trajetória, mas diante dos relatos de estudantes vemos que não é tão simples construir seu caminho acadêmico, para tal se faz necessário abrir mão de outra etapa necessária à formação profissional, o estágio, pois nem sempre é possível conciliar o horário do estágio com os horários das disciplinas. Em relatos de estudantes notamos isso mais nitidamente:

“Acho que dá sim para você pegar as matérias que você quer. Mas tem que ter muito ‘jogo de cintura’, você tem que estar estagiando de manhã em um semestre e de tarde em outro, para você dar conta de pegar as disciplinas que você quer” (F.)

“Eu sempre consegui montar a minha grade, mas nunca consegui estagiar até hoje. E realmente a realidade é essa, ou você faz seu estágio e não monta seu currículo ou você não faz o estágio e monta seu currículo. É o que esta acontecendo comigo, estou praticamente no décimo semestre, estou pegando todas as matérias de acordo com a minha vontade, mas estagiar não esta sendo possível.” (H.)

No grupo focal perguntei aos estudantes qual era a opinião deles em relação ao estágio da UFBA em relação à docência. E elas me responderam:

“É muito gratificante sim. E a experiência é muito enriquecedora, eu estagiei não com Educação Infantil, mas com o Ensino Fundamental, na prefeitura de Salvador, então me deu muita visão para sala de aula. Mas infelizmente a Faculdade não oferece suporte pra gente. Às vezes caímos de pára-quedas numa sala de aula. Não sabendo como trabalhar e manter o controle em sala de aula, pra gente lidar com isso é difícil. Às vezes, realmente, traumatiza o aluno quando pega o estágio.” (A.)

Cair de “paraquedas” esse é o termo utilizado pela estudante para expressar sua visão em relação ao estágio, o que denota uma falta de suporte acadêmico nesse momento de formação.

“Estágio é prática, exercício prático. Tem que ser reflexivo, tem que ser pensado e tem que ser assessorado. Não é questão do tipo, você tem que ser autônomo e tem que ir lá fazer sim. Eu tenho que ir lá fazer, mas eu preciso de suporte para isso. Senão traumatiza mesmo, você entra em uma sala de aula do ensino fundamental, com quarenta alunos, só ouve barulho de cadeiras e xingamentos, você não sai daqui da UFBA com todo esse suporte, por mais que você conheça essa realidade e reflita sobre ela, não é a realidade. Então, eu acho que não é só pensar na prática e sim exercitá-la.” (F.)

Com esta citação vemos a preocupação com este apoio pedagógico, o estágio deve dar suporte a formação, para que o estudante se torne cada vez mais capacitado para atuar em sua profissão

“Eu também concordo com as colegas, existe uma falta de suporte na sala de aula para o estágio e isso traumatiza mesmo. Eu no primeiro mês pensei em desistir de fazer pedagogia.” (P.)

Nos três depoimentos notamos algo em comum, o verbo “traumatizar”. A falta de acompanhamento do estudante no estágio gera uma preocupação dos estudantes com o seu trabalho. Cada profissional busca dar o seu melhor em sua função e a falta de preparo pode frustrar um profissional. Eu me identifico

muito com este último depoimento, pois o mesmo aconteceu comigo quando fui estagiar. Na primeira semana vivia reclamando, falando que essa não era minha profissão, que eu não queria mais ser pedagoga. Minha colega de trabalho me apoiou nesse momento e me deu o suporte que infelizmente a faculdade não ofereceu. Hoje posso dizer que graças a ela não abandonei o curso e sou apaixonada pela docência em Educação Infantil.

7. Considerações finais

Quando iniciei este trabalho acreditava ser capaz de identificar um aspecto deficitário chave em relação ao curso de Pedagogia da UFBA, voltado para a docência em Educação Infantil. Acreditava que este aspecto chave seria a falta do estágio supervisionado, no currículo. Mas diante dos estudos realizados pude perceber que não existe uma única problemática na formação do pedagogo docente, na Educação Infantil. Inicialmente trouxe aspectos que me fizeram compreender como se deu o surgimento da Educação Infantil e pude compreender que esta se deu de forma deficitária, seu real intuito era o de prover uma educação assistencialista. Esse fator interfere na visão que se tem hoje desse pedagogo que atua na Educação Infantil. Apesar dessa visão não ser mais considerada como verdadeira entre os pedagogos, boa parte da população ainda parte do pressuposto de que professor de Educação Infantil é “babá de luxo”. Por exemplo, uma estudante que participou do grupo focal, se referiu aos professores de Educação Infantil de modo a desqualificar a profissão, citou como “professorinha”, em seu tom de voz percebia-se certo preconceito pela profissão, apesar dela se dizer apaixonada pela Educação Infantil.

Além dessa problemática, nos deparamos com o fator identidade profissional. O estudante de pedagogia não tem bem desenvolvida uma identidade própria, em relação a profissão, como podemos notar na trajetória histórica traçada ao longo do trabalho. Segundo currículo (1999) inicialmente o curso de Pedagogia formava técnicos e professores do magistério, posteriormente esses cursos também formavam professores da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, em 1999 esse currículo se ampliou para formação em outras áreas, como empresas e classe hospitalar. Por fim, o currículo (2009) reduziu este curso à docência. Não considero negativo o fato de o pedagogo ser considerado como professor de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, pois acredito que o caminhar histórico criou uma rejeição à docência, mas esta merece uma atenção especial e uma maior valorização por parte da sociedade e dos próprios estudantes do curso de Pedagogia.

O novo currículo da UFBA traz algumas alterações, como mencionado ao decorrer do texto, e estas alterações direcionaram o curso de Pedagogia a docência, focando nas metodologias e não proporcionando ao estudante traçar com maior autonomia sua trajetória acadêmica. Isso soluciona pelo menos uma parte dos problemas da formação do pedagogo, no que cerne a questão metodológica, mas acredito que os problemas gerais do curso de pedagogia, vão além de disciplinas e carga horária. A situação econômica também interfere na formação do profissional, pois muitas vezes o estudante de Pedagogia precisa trabalhar pra se manter ou manter a família e por isso não pode abrir mão de um estágio ou emprego pra cursar uma matéria de maior interesse profissional.

Tendo em vista que este trabalho trata da formação do pedagogo voltado para a docência da Educação Infantil, se faz necessário citar o fato de que, dentre as diversas especialidades oferecidas ao curso de Pedagogia, a docência é uma das mais amplas. O docente/pedagogo pode atuar em Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos do primeiro ciclo. Cada nível de ensino citado tem suas especificidades e merece uma dedicação devida. Devido às poucas disciplinas oferecidas no âmbito de cada modalidade, percebo quão deficitária se torna a formação do docente.

Os estudantes não tinham um bom embasamento teórico/metodológico, que com o novo currículo (2009), essa realidade irá mudar. A partir de 2009 o curso de Pedagogia passa a dedicar-se fundamentalmente das metodologias e didática. Saúdo o novo currículo por trazer as disciplinas de metodologias para o campo obrigatório e por trazer também o estágio supervisionado, mas acredito ser necessário ampliar o conhecimento dos alunos no que diz respeito às diferentes modalidades de ensino. Em especial com esse novo currículo aprovado para o início de 2009, voltado para a docência da Educação Infantil e do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, penso que cabe um maior embasamento teórico sobre esses níveis de ensino.

Referências:

BRASIL, MEC, disponível em << <http://portal.mec.gov.br>>> acesso em 23 de novembro de 2009.

BRASIL, disponível em <<http://www2.faced.ufba.br/graduacao/pedagogia/subitens/graduacao/pedagogia/subitens/curriculos/curriculo_1999_2_2008_2>> acesso em 24 de novembro de 2009.

BRASIL, disponível em <<http://www2.faced.ufba.br/graduacao/pedagogia/subitens/curriculos/ingressantes_2009_1>> acesso em 24 de novembro de 2009.

CADORIN, Severino. **Monografia e tese passo a passo**. Rio de Janeiro: Editora Sotese, 2002.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga e SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Artigo: Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**, ano 2002.

CURY , Carlos Roberto Jamil; **Artigo: A educação básica no Brasil**: Campinas, 2002.

D'ÁVILA, Cristina artigo: **Interdisciplinaridade e mediação pedagógica**. Salvador, Bahia, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOIS, Antonio. **Reportagem: Brasil tem 11,5% de crianças analfabetas, aponta IBGE**, folha São Paulo, disponível em <<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u593920.shtml>>> acesso em 26 de novembro de 2009.

GROPPO, Luís Antônio e RIBEIRO, Monica. Artigo **Educação Infantil e pesquisa participante**, 2007.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **O Aparecimento da Escola Moderna: uma história ilustrada.** Belo Horizonte: autêntica, 2006.

KRAMER, Sônia; **A política do pré-escolar no Brasil – a arte do disfarce.** Rio de Janeiro: editora Cortez, 1992.

KUENZER, Acácia Zeneida; Artigo: **As políticas de formação: A constituição do professor sobrando**, 1999, disponível em << <http://www.scielo.br>>> acesso em 26 de novembro de 2009.

LIBÂNIO, José Carlos, **Pedagogia e pedagogos para quê?**, São Paulo: editora Cortez, 2005.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas; SANTANA, Isnaia Veiga. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses.** Salvador: EDUFBA, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA. 1986.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.), **Currículo: questões atuais.** Campinas: SP. Papyrus, 1997.

OLIVEIRA, Anátalia Dejane Silva. **O curso de Pedagogia no contexto de formação para a docência na Educação Infantil.** Revista da FAEEBA. Salvador, v. 18, n. 31, jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos; **Os primeiros passos na construção das idéias e práticas de educação infantil, livro: educação infantil: fundamentos e métodos**, São Paulo: editora Cortez. 2007 capítulo 3.

RIZZO, Gilda. **Educação pré-escolar.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 1.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de, artigo: **Currículo: concepções, campo de estudo e relações**

TOMAZ, Tadeu da silva e MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.), **Cultura currículo e sociedade**, São Paulo: editora Cortez, 1999

TAURINI, Leonor Maria. Artigo **História da formação de professores**, extraído da revista brasileira de educação, ano 2000.

ANEXOS

ANEXO A

Roteiro de debate:

Objetivo:

Buscar a opinião dos alunos sobre o estágio curricular obrigatório de docência na FAGED/UFBA. E as concepções gerais que esses alunos possuem sobre sua formação.

Observações iniciais:

Cada pergunta deverá ter um tempo, inicialmente, de 15 minutos, podendo se alterar para mais ou para menos, ao depender da complexidade das respostas.

População:

Estudantes do curso de pedagogia da UFBA. Seis alunos irão participar do debate.

Local:

Laboratório de informática da UFBA

Questões chaves:

Currículo:

- Qual sua visão em relação ao currículo de pedagogia da UFBA?
- Qual (ais) disciplina(s) você considera mais importante no currículo? Por quê?

Estágio/ educação infantil:

- O que você pensa sobre o estágio para docência em educação infantil da UFBA? Por quê?
- Você acredita que a UFBA prepara docentes para atuar em educação infantil? Por quê?
- Qual sua opinião em relação ao estágio da UFBA?

Opinião geral:

- O que a faculdade poderia fazer para melhorar a formação de pedagogos docentes?
- Com o currículo amplo de pedagogia, como você vê o processo de formação do pedagogo nessas diversas áreas?
- Porque escolheu o curso de pedagogia? Você acredita que isso interfere na formação? Como?

ANEXO B

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Perfil social e profissional

1) Sexo

() feminino

() masculino

2) Qual sua faixa etária?

() 20-25

() 26-30

() 31-35

() 36-40

3) Qual semestre esta cursando? []

4) Qual seu estado civil?

() solteira

() casado ou outra forma de união

() separado, desquitado, viúvo

5) Atualmente você esta trabalhando?

() sim

() não

ANEXO C

SALVADOR, 04 de Dezembro de 2009.

Declaração de Estágio

Declaramos para os devidos fins que o Sr(a). EVLE MAITE INGRID COELHO RODRIGUES DE OLIVEIRA, estudante do curso de PEDAGOGIA da Instituição de Ensino UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA, portador do CPF nro. 020.464.715-04, RG nro. 1139282115-BA, realizou estágio na(o) INST ADVENTISTA NORD BRAS DE EDUC E ASS SOCIAL no período de 30/01/2009 a 06/04/2009, nos termos da legislação aplicável.

O horário de estágio foi das 13:15 às 17:15, totalizando 20:00 horas semanais.

Atenciosamente,

Centro de Integração Empresa Escola - CIEE

Controle de Protocolo CIEE:00014741154711015314

ANEXO D

QUADRO CURRICULAR COM CARGA HORÁRIA E CREDITAÇÃO - 1999.2

SEMESTRE I		SEMESTRE II		SEMESTRE III		SEMESTRE IV		SEMESTRE V	
SEM. VI	SEM. VII	SEM.VIII							
ORGANIZ. DA ED. BRASILEIR.1 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO 2 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	INTROD. A ED. ESPECIAL 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	INTROD. O RIENT. EDUCACIONAL 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	OPTATIVA 5	OPTATIVA 9			
ANTROPOLOG. DA EDUCAÇÃO 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	TRABALHO E EDUCAÇÃO 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	DIDÁTICA 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	ED. E TECNOLOG. CONTEMPORÂN. 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	ESTATÍSTICA EDUCACIONAL 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	OPTATIVA 6	OPTATIVA 10			
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO 1 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO 2 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	AValiação DA APRENDIZAGEM 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	INTROD. A ROD. GESTÃO EM EDUCAÇÃO 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	PESQUISA EM EDUCAÇÃO 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	OPTATIVA 7	OPTATIVA 11			MONOGRAFIA 320 hs.
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO 1 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO 2 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	CURRÍCULO 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	INTROD.SUPERVIS. EDUCACIONAL 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	ED. DE JOVENS E ADULTOS 60 hs. T. 30 P. 30 CRED. 03	OPTATIVA 8	OPTATIVA 12			
INICIAÇÃO AO TRAB. ACADÊM. 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 1 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 2 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	EDUCAÇÃO INFANTIL 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03	ALFABETIZAÇÃO 60 hs. T. 30 P.30 CRED. 03			ORIENTAÇÃO MONOGRÁFICA 1	ORIENTAÇÃO MONOGRÁFICA 2	
	OPTATIVA 1	OPTATIVA 2	OPTATIVA 3	OPTATIVA 4					
ESTUDOS INDEPENDENTES 320 horas									
ESTÁGIOS 315 horas CRED. 07									

CARGA HORÁRIA E CRÉDITOS EM DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	1.500 hs. / 75
CARGA HORÁRIA E CRÉDITOS EM DISCIPLINAS OPTATIVAS	750 hs. / 38
CARGA HORÁRIA E CRÉDITOS EM ESTÁGIOS	315 hs / 07
CARGA HORÁRIA DE ESTUDOS INDEPENDENTES	320 hs.
CARGA HORÁRIA DE MONOGRAFIA	320 hs
CARGA HORÁRIA TOTAL	3.205 hs
CREDITAÇÃO TOTAL	120 Cr